

A ARTE COMO DISPOSITIVO À RECRIAÇÃO DE SI: UMA PRÁTICA EM PSICOLOGIA SOCIAL BASEADA NO FAZER ARTÍSTICO



Alice Casanova dos Reis

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Santa Catarina – Brasil



Resumo

O presente trabalho enfoca a arte como instrumento na prática em psicologia social, por meio do relato da experiência com um grupo de arteterapia. A proposta do grupo, desenvolvido em um centro comunitário de Florianópolis - SC, consistia na realização de variadas atividades artísticas - desenho, pintura, colagem, modelagem em argila, escrita - como um meio para o desenvolvimento (inter)pessoal. As intervenções realizadas e a discussão aqui apresentada fundamentam-se nos aportes da psicologia histórico-cultural e especialmente nas ideias de Vigotski e Bakhtin acerca da arte. O trabalho trouxe resultados positivos aos sujeitos, que na atividade criadora encontraram novas formas de objetivação e subjetivação, desenvolvendo um olhar estético e (re)criando nas obras artísticas imagens outras de si e da vida, transformando-se neste processo.

Palavras-chave: Arte. Grupo. Atividade criadora. Olhar estético. Psicologia social.

Introdução

Este artigo se propõe discutir a arte como dispositivo de intervenção na prática em psicologia social, tomando por objeto a experiência com um grupo de arteterapia, desenvolvido em um centro comunitário da cidade de Florianópolis - SC. A proposta desse grupo era a utilização de atividades de criação artística como meio para promover o desenvolvimento (inter)pessoal, partindo-se de uma concepção de arte fundada nos aportes da psicologia histórico-cultural (VIGOTSKI, 1990, 1998, 2000, 2001; BAKHTIN, 2002, 2003).

Arteterapia é um método de intervenção baseado na utilização de diferentes formas de expressão artística visando uma finalidade terapêutica. Segundo define a Associação

Brasileira de Arteterapia¹, é um modo de trabalhar utilizando a linguagem artística como base da comunicação cliente-profissional e sua essência é a criação estética e a elaboração artística em prol da saúde.

Na arteterapia o fazer artístico é um instrumento para a promoção da saúde e da qualidade de vida. Nela podem ser usadas como recursos terapêuticos as mais diversas atividades artísticas: desenho, pintura, modelagem, música, poesia, dramatização e dança. Estas atividades visam a facilitar a expressão do sujeito por meio de outras linguagens (plástica, sonora, escrita, corporal) além da verbal, ampliando as possibilidades de comunicação, facilitando o autoconhecimento e promovendo o desenvolvimento da criatividade.

Historicamente, na psicologia a configuração do campo teórico e prático da arteterapia se deu em grande parte a partir da psiquiatria, onde se deram as primeiras experiências com uso da arte para fins terapêuticos. Destacam-se, no Brasil, a contribuição do psiquiatra e psicanalista Osório César (ANDRIOLO, 2003), e o trabalho de Nise da Silveira, psiquiatra junguiana que criou o famoso Museu de Imagens do Inconsciente (SILVEIRA, 2001), considerado por Frayze-Pereira (2003) como um marco que articula psicologia, arte e política.

Embora tradicionalmente vinculada à psicologia clínica, a arteterapia é uma área de conhecimento interdisciplinar, encontrando hoje aplicações diversas também em outros âmbitos, como o escolar, o social e o comunitário. Como coloca Andrade (2000, p. 44), "a expressividade e a arte podem ser empregadas em educação, reabilitação, psicoterapia e prevenção, pois a força propulsora, *a criatividade* se realiza em conjunto com o desenvolvimento da personalidade como um todo". Do mesmo modo, Ciornai (1995) destaca que o fazer artístico auxilia a pessoa no aprendizado de lidar criativamente com sua própria vida, proporcionando pontes para que se estabeleça um contato profundo e eficaz na relação terapêutica.

Constata-se a existência de três abordagens clássicas na arteterapia: psicanalítica, junguiana e gestáltica, cujas principais referências são, respectivamente, os trabalhos de Margaret Naumburg (1966), Nise da Silveira (2001) e Janie Rhyne (2000). Sem perder de vista as especificidades dessas diferentes perspectivas teóricas, uma noção central que subjaz a todas é a de que a arte é um poderoso meio para a expressão da subjetividade. Em virtude disso, as práticas daí derivadas podem ser reunidas entre as terapias expressivas, que compartilhariam dos seguintes pressupostos:

- a) a expressão "artística" revela a interioridade do homem, fala do modo de ser e visão de cada um e seu mundo. Este ato revela um suposto sentido e, cada teoria e método em arteterapia e terapia expressiva se apodera deste ato diferentemente.
- b) por intermédio desse "fazer arte", expressar-se, o terapeuta pode estabelecer um contato com o cliente possibilitando a este último o autoconhecimento, a resolução de conflitos pessoais e de relacionamento e o desenvolvimento geral da personalidade (ANDRADE, 2000, p. 18).

No Brasil, o campo da arteterapia tem se expandido na última década, o que se reflete na ampliação das publicações sobre a temática. Philippini (2007) aborda a arteterapia como um campo de conhecimento transdisciplinar, focando métodos e processos em arteterapia como caminhos não apenas de criação, mas de transformação dos sujeitos. O livro *Estudos de Arteterapia*, da Associação de Arteterapia do Rio de Janeiro (2009), traz uma compilação de relatos de experiência, proporcionando exemplos de diferentes trabalhos desenvolvidos neste campo.

Uma área onde a arteterapia ganha cada vez mais espaço e reconhecimento é a saúde, tal como mostra Valadares (2008), que apresenta pesquisas nas quais a arteterapia vem contribuindo significativamente no tratamento de crianças hospitalizadas. A autora ressalta como a arteterapia pode auxiliar na humanização dos espaços de saúde, em especial no contexto hospitalar. Nos diferentes contextos de aplicação, a arteterapia tem se desenvolvido especialmente baseada em um enfoque grupal. Neste sentido, Sei e Gonçalves (2012) abordam aspectos teóricos e práticos na atuação do arteterapeuta, para o acompanhamento de variados tipos de grupos.

No caso da experiência a ser aqui relatada, o trabalho pautou-se em uma perspectiva diferente das abordagens clássicas em arteterapia. No campo da psicologia social brasileira, a arte tem se constituído como dispositivo de intervenção e objeto de pesquisa, sobretudo na perspectiva histórico-cultural (ZANELLA et al., 2005; ZANELLA, DA ROS, MAHEIRIE, 2006; ZANELLA, 2007; REIS, 2010; ZANELLA, MAHEIRIE, 2010; FURTADO, 2011; CASTILLO, ZANELLA, 2011). Para além da função meramente expressiva da arte, onde uma suposta interioridade ganharia forma e nela seria refletida tal como em um espelho, compartilha-se aqui desta outra abordagem, considerando-se que "a verdadeira natureza da arte sempre implica algo que transforma" (VIGOTSKI, 1998, p. 307). A arte, concebida como atividade criadora, recorta elementos da realidade, recombina-os a partir da imaginação e produzindo sua reconfiguração em uma nova forma (VIGOTSKI, 1990).

O processo transformador da arte está diretamente relacionado à criatividade e à produção do novo, pois "a arte recolhe da vida seu material, mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material" (VIGOTSKI, 1998, p.307). A obra de arte reflete e refrata o autor, que nela pode se ver ou rever, reinventando-se em *outras formas*, ou seja, objetivando-se esteticamente enquanto outro. A potência da arte para mediar essa relação fundamentalmente criadora frente à vida é enfatizada em diversas passagens por Vigotski (1998, p. 313), como ao dizer que "a arte parece completar a vida e ampliar as suas possibilidades".

Compartilhando da mesma matriz epistemológica - materialismo histórico e dialético - , Bakhtin (2003) concebe a arte como atividade criativa de enformação da vida, que visa conferir-lhe acabamento estético. Tal atividade enfoca a vida e seus protagonistas sob um novo olhar: "O ato estético dá à luz o existir em um novo plano axiológico do mundo, nascem

um novo homem e um novo contexto axiológico" (BAKHTIN, 2003, p.177). Para o autor, a relação entre arte e vida é dialógica, pois criar é um ato de responsividade, no qual o homem responde a um determinado contexto, por intermédio de sua obra, de modo responsável e criativo. Reitera-se, enfim, que "nos processos de criação artística, o ser humano se objetiva e subjetiva, transformando realidades, criando significados para si e para os outros" (ZANELLA et al., 2005, p.198). Foi essa concepção da arte enquanto atividade estética de recriação da vida que norteou o desenvolvimento do trabalho a seguir relatado.

A experiência em questão

A experiência aqui enfocada refere-se ao "Grupo de Arteterapia", trabalho desenvolvido na sede do Conselho Comunitário Fazenda do Rio Tavares. Essa entidade sem fins lucrativos, localizada na cidade de Florianópolis-SC, atua junto à comunidade do Bairro Rio Tavares e região, oferecendo gratuitamente diversas atividades educativas e socioculturais, como aulas de informática, xadrez, dança de salão, grupo de artesanato, grupo da 3ª idade, entre outras, além de dispor de espaço para a realização de festas e eventos culturais. O projeto de um grupo terapêutico baseado no fazer artístico veio ampliar aquelas possibilidades, sendo aprovado pela direção do Conselho e implementado ao longo do segundo semestre de 2012.

A divulgação do grupo foi feita por cerca de um mês, usando os seguintes recursos: colocação de uma faixa em frente ao prédio do Conselho Comunitário (por se localizar ao lado do terminal de ônibus do Rio Tavares, por ali passava grande fluxo de pessoas); divulgação junto aos demais grupos em atividade no espaço comunitário; divulgação na internet, via facebook do Conselho Comunitário do Rio Tavares; distribuição de fôlderes a pedestres que por ali transitavam e no comércio local; divulgação do grupo em dois programas de uma rádio local.

O projeto teve como objetivo principal usar a arte como mediação para o desenvolvimento (inter)pessoal. Para tanto, diversas atividades artísticas foram planejadas e desenvolvidas no sentido de propiciar aos participantes o exercício da expressão criativa, dando forma e transformando emoções, desejos, conflitos e significações por meio das obras que produziam. Estas deviam se tornar dispositivos para a autopercepção e reflexão, a partir do compartilhamento das experiências vivenciadas no e com o grupo.

O grupo se reunia em uma das salas do Conselho Comunitário uma vez por semana, em encontros com duração de 1h30min. Ao todo foram realizados 18 encontros, que contaram com seis participantes, todas mulheres na faixa dos 50 anos, aposentadas, exceto uma delas, que tinha 23 anos. Talvez o horário do grupo, que era no meio da tarde, tenha favorecido a procura por esse público, embora o grupo fosse aberto a pessoas de ambos os sexos e a uma ampla faixa etária (acima de 18 anos). Em cada encontro, propunha-se ao grupo uma

atividade artística relacionada a determinada temática, que visava trabalhar algum aspecto da subjetividade (por exemplo, identidade, história de vida, medos, projeto de futuro). Os temas eram definidos conforme as próprias demandas que o grupo ia apresentando.

O relato desta experiência tem por base sobretudo as observações da autora durante as atividades desenvolvidas e suas respectivas descrições, registradas em diário de campo, logo após cada encontro. Conta-se, ainda, com o registro fotográfico das obras artísticas produzidas pelas participantes, realizado a partir da exposição dos trabalhos do grupo em seu último encontro. Na ocasião, cada uma delas escreveu um depoimento sobre a experiência que vivenciou ao longo do grupo. Todas as participantes concordaram, mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, que o material coletado fosse utilizado para a produção deste relato.

Os encontros realizados seguiam uma estrutura básica, que consistia em três momentos principais: 1) conversa inicial; 2) atividade artística; 3) exposição das obras. No primeiro encontro, a conversa inicial teve como propósito a apresentação das participantes¹ e de suas expectativas junto ao grupo, bem como da psicóloga e da proposta de trabalho a ser desenvolvida. A seguir foi realizada uma colagem com gravuras de revistas, na qual se deveria responder à seguinte questão: "Qual a área da vida que precisa ser mais bem cuidada?". Após esta etapa, cada pessoa apresentou a obra produzida, comentando seus significados. Esta atividade permitiu aos sujeitos experimentar e conhecer melhor o método de arteterapia a ser utilizado no grupo. Além disso, a temática da colagem possibilitou um primeiro levantamento das demandas a serem trabalhadas.

Nos encontros posteriores, o momento inicial era mais descontraído, um espaço-tempo que se dilatava à chegada das pessoas - muitas vezes atrasadas em função das atribulações cotidianas - e que era preenchido pela conversa entre as presentes. Nela relembra-se a temática do encontro anterior e abria-se o convite para as pessoas contarem fatos significativos vivenciados ao longo da semana. Era um momento para compartilharem os acontecimentos e refletirem sobre a repercussão da dinâmica vivenciada no grupo sobre seus cotidianos.

Esta primeira parte, mais breve, era seguida pela realização de alguma atividade artística, cuja duração podia variar segundo a tarefa proposta e o ritmo das próprias participantes, tendo em média 50 minutos. Cada atividade era planejada em função de determinados objetivos, definidos a partir das necessidades emergentes no processo do grupo. No segundo encontro, por exemplo, em que o objetivo era conhecer mais os integrantes e promover que entrassem em contato com sua própria história, a atividade desenvolvida foi o *Mapa da Vida*. Este deveria exprimir a trajetória de vida por meio de imagens, desenhando-se momentos importantes em sua história.

Além do desenho com materiais diversos (giz pastel, lápis de cor, canetinhas), outros recursos utilizados foram a colagem com gravuras de revistas, pintura em guache, modelagem

em argila, dança e criação literária em prosa e poesia. Embora as atividades variassem quanto aos temas e linguagens artísticas, todas traziam como convite a expressão criativa de si por meio da arte. Reiterava-se a liberdade dos sujeitos à imaginação e criação de formas que de algum modo falassem deles, de suas próprias vivências. Um exercício lúdico que não visava à produção do belo (embora algumas vezes os trabalhos pudessem ser percebidos sob esta categoria), mas onde a obra de arte era um meio de *se colocar de outra forma*.

Na terceira parte, realizava-se a exposição dos trabalhos artísticos: cada pessoa apresentava sua obra ao grupo, comentando seus sentidos e refletindo sobre sua vivência criadora. Esta era uma etapa fundamental ao processo terapêutico, pois nela cada pessoa podia compartilhar sua experiência com as demais, recebendo apoio pelo acolhimento e reconhecimento do grupo, bem como desenvolver novas significações sobre si, a partir da reflexão que ali se desenvolvia.

Neste momento, o autor falava sobre sua obra e, por meio dela, sobre si próprio. Os ouvintes podiam comentar, desde que falando da própria experiência, e a psicóloga, por sua vez, fazia a mediação nesse diálogo coletivo, no qual não se incluía a prática da interpretação das obras artísticas. Isso porque se considera que toda obra, assim como qualquer signo, é polissêmica: ela não possui um sentido unívoco, mas é aberta à possibilidade de múltiplos sentidos, produzidos em função das relações dialógicas que com ela se estabelecem. Portanto, a obra de arte tornava-se um dispositivo para reflexão, interpelando autor e espectadores à (re)elaboração de sentidos sobre a própria produção e a dos colegas, sobre si e sobre o(s) outro(s).

(Re)criações dos sujeitos no grupo

O trabalho desenvolvido trouxe resultados positivos para as pessoas que dele participaram, verificados a partir dos seguintes indicadores: ampliação na percepção de si; diminuição da inibição; aumento da capacidade expressiva; elaboração de emoções; aumento da autoconfiança; conexão com os desejos; melhora na autoimagem; desenvolvimento da criatividade; atitude positiva frente à vida. Tais aspectos podiam ser observados na evolução das próprias imagens com que cada pessoa se colocava nas obras e no modo como falava sobre si a partir delas.

Evidenciou-se que o processo de criação artístico permeado pelas mediações ocorridas no grupo abriu um caminho à transformação (inter)subjéctiva. A subjéctividade se (re)constitui na relação com outros, sendo "um agregado de relações sociais encarnadas em um indivíduo" (VIGOTSKI, 2000, p. 33), daí reconhecer que qualquer transformação pessoal se dá sempre na/pela intersubjéctividade. O crescimento pessoal foi um ponto destacado por todas as participantes em seus depoimentos, podendo ser exemplificado na fala de Rosa²: "*Ao longo das aulas e as atividades propostas, podemos perceber o crescimento de todas e o fruto de*

cada trabalho, ao ser analisado em grupo, os problemas propostos na arte sendo refletidos para a vida de cada um".

A fala mostra que as temáticas propostas mobilizavam questões existenciais importantes, às quais cada pessoa respondia por meio da arte, por vezes criando aí algumas respostas inovadoras para a própria vida. Segundo Vigotski (1998, p. 329), na tensão entre imaginação e realidade, a arte "é um meio de equilibrar o homem com o mundo nos momentos mais críticos e responsáveis da vida". Essa inter-relação entre arte e vida é também colocada por Bakhtin (2003, p.XXXIII) nos seguintes termos: "Pelo que vivenciei e compreendi na arte, devo responder com a minha própria vida para que todo o vivenciado e compreendido nela não permaneçam inativos".

Alguns pontos em especial haviam sido destacados pelas participantes no primeiro encontro (durante a conversa inicial), como aspectos que gostariam de trabalhar no grupo: depressão, pânico, bloqueios de expressão, busca de si mesma, reestruturação emocional, ser muito introspectiva, entre outros. Na criação de desenhos, pinturas, histórias, etc., e a partir da reflexão sobre os trabalhos produzidos, os pontos mencionados e também outros aspectos subjetivos puderam encontrar uma via não só de expressão, mas também de reelaboração pelos sujeitos. Isso aparece, por exemplo, no seguinte depoimento, onde Margarida reflete sobre a experiência vivida no grupo:

No começo, senti muitas dificuldades de expressar através das imagens ou mesmo palavras, todas as emoções reprimidas. Mas aos poucos o medo, a insegurança, a solidão foram expostos de uma maneira gentil e transformados em traços coloridos, em figuras expressivas que aos poucos foram se dissolvendo no papel. Ainda tenho muito trabalho pela frente, tenho certeza, mas agora o caminho não é mais desconhecido. Resta seguir em frente, perseverando na arte de me conhecer melhor.

Esse relato mostra que as atividades artísticas desenvolvidas no grupo não apenas facilitaram a expressão de emoções, mas possibilitaram sua transmutação por meio do processo criativo, onde sentimentos negativos (medo, insegurança, solidão) eram transformados com a mediação dos traços coloridos sobre o papel. Para Vigotski (1998), essa transformação das emoções está na base do ato criador, constituindo a arte como catarse. Por catarse o autor não está se referindo à simples descarga emocional pela pura expressão do sentimento, mas ao "ato criador de *superação* desse sentimento, da sua solução, da vitória sobre ele" (VIGOTSKI, 1998, p. 314, grifo do autor).

Embora não se possa inferir daí que problemas emocionais encontrem na arte uma solução, algumas mudanças significativas foram observadas no grupo quanto ao modo de os sujeitos lidarem com as próprias emoções. Isso pode ser exemplificado nos desenhos abaixo, feitos por Margarida em dois momentos distintos: o primeiro (fig.1) no décimo primeiro encontro, no qual o foco da dinâmica foram os medos e sua superação; e o segundo (fig.2) no décimo sétimo encontro, o penúltimo do grupo, quando a proposta foi fazer uma retrospectiva sobre todo o processo vivenciado ao longo do grupo.

Figura 1



Figura 2



(Fonte: acervo de fotos da autora)

Em ambos os desenhos figuram as mãos, porém de forma bastante diferente. No primeiro, as mãos estão fechadas, postas sobre uma paisagem onde, por entre verdes montanhas, surge um olho azul que verte um rio de lágrimas. As mãos evocam uma imagem religiosa e leituras podem ser feitas cotejando esse possível sentido com a aceitação do sofrimento em vida. No segundo desenho, as mãos são representadas abertas, sustentando um grande coração vermelho. Os sentidos desses elementos plástico-picturais podem ser vários, mas para fins deste artigo vamos nos ater ao que a autora fala sobre eles: Margarida descreve o desenho da figura 1 como "um vale de lágrimas", que simboliza seus medos, e as duas mãos acima como sua tentativa de se separar deles, vencê-los por uma conexão espiritual. Já no desenho da figura 2, ela diz que o coração é o amor, simbolizando seu aprendizado no grupo e sua decisão de procurar dali em diante fazer tudo com amor.

Levando-se em consideração aspectos observados ao longo de todo percurso trilhado pela participante no grupo, pode-se analisar que esses desenhos refletem um movimento de abertura: as mãos, que antes esperavam fechadas por uma solução mágica à tristeza, agora forjam outra resolução, abrindo-se para sustentar o próprio coração, com todas as suas conflitantes emoções, mas acima de todas escolhendo o amor. Neste movimento, novos modos de objetivação e subjetivação foram engendrados na arte e refletidos à vida.

Pode-se citar nessa mesma direção o exemplo de outra participante, que apresentava sentimentos de incapacidade frente a diversas atividades propostas, verbalizando que não sabia se conseguiria realizá-las, demonstrando timidez ao expor seus trabalhos e tendo a princípio dificuldade em valorizá-los. Ao longo dos encontros, isso foi se modificando e ela passou a olhar para seu trabalho, reconhecendo-se nele de outra forma, vendo nele sua própria potência, como sintetizado em seu depoimento: *"Às vezes não acreditava muito em mim, mas sei que posso, que todo mundo pode muito"* (Acácia).

Embora a atividade artística fosse, na maioria das vezes realizada individualmente, a apreciação das obras acontecia no coletivo. A arte se evidenciava então como um meio de comunicação com o outro, uma revelação de si para o outro. Segundo Vigotski (1998, p.315), a arte é uma "técnica social do sentimento, um instrumento através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser". Viu-se que as atividades artísticas desenvolvidas facilitaram a comunicação de aspectos íntimos das participantes. Na socialização dos trabalhos produzidos, cada pessoa acabava falando não apenas sobre sua obra, mas também compartilhando suas experiências pessoais, num verdadeiro trabalho de (re)constituição da própria história. Isso é explicitado, por exemplo, no seguinte depoimento: "*Saíamos mais leves cada dia de aula. Contamos nossas histórias para as colegas que já eram amigas. Escutamos as histórias das outras e nelas também nos identificávamos. Rimos e compartilhamos nossas vidas através dos trabalhos da arte*" (Rosa).

Constatou-se que este momento de compartilhar experiências era de fundamental importância em termos terapêuticos. Na apresentação dos trabalhos, à medida que o autor descrevia sua obra e esta era comentada pelo grupo, novas significações eram produzidas, contribuindo no desenvolvimento de novos olhares e na construção de uma nova visão acerca de si próprio. Conforme escreve Flora: "*Algumas vezes, eu não achava meus trabalhos nem um pouco atraentes, mas ao apresentá-lo alguém sempre apontava algo de valor no que eu tinha feito. Então, parei de achar que as pessoas são diferentes*". Isso, contudo, não significava para ela a negação das diferenças, mas o reconhecimento de que todos têm problemas, como ressalta em outro trecho de seu depoimento.

Ao iniciar no grupo, Flora mostrava-se muito reservada e de certo modo considerava que deveria guardar muito bem seus problemas, até de si mesma. Em um dos primeiros encontros, a atividade proposta visava promover o contato com a própria história, representando-a em um desenho e posteriormente apresentando às colegas. A figura 3 mostra o desenho então feito por Flora. Ela o descreveu como sendo a porta para o passado, que está fechada, pois ele não foi muito bom e ela prefere esquecê-lo.

Figura 3



(Fonte: acervo de fotos da autora)

Conforme os encontros transcorriam, notava-se que ela ia conseguindo transpor esta porta, que simbolizava também suas barreiras interiores, superando aos poucos o que descreve em seu depoimento como *"a dificuldade em falar a pessoas estranhas sobre meus nós internos"* (Flora). Observou-se que as atividades desenvolvidas contribuíram para que se reconhecesse sob uma nova perspectiva. Segundo ela mesma relata: *"Na continuação dos encontros, percebi que os nós internos humanos são muito parecidos. Somos uma única família com problemas muito semelhantes"*.

Uma temática bastante trabalhada no grupo foi a identidade, porém não no sentido de algo pronto e acabado, mas enquanto devir, enfatizando-se sua permanente (re)construção no tempo, nas/pelas relações sociais. Neste sentido, compartilha-se da concepção de identidade em Ciampa (1987), que a concebe como metamorfose, pois ela se caracteriza como processo de vir-a-ser sempre inacabado. Entende-se ainda, a partir de Sousa Santos (1995), que no processo dialético entre igualdade e diferença, a identidade se constitui como síntese provisória de identificações em curso, ou seja, um processo em permanente movimento.

No grupo, o trabalho com a identidade se deu por intermédio de atividades artísticas e das reflexões desenvolvidas, nas quais as participantes puderam (re)criar imagens de si vinculadas ao passado, ao presente e ao futuro. Por meio dos desenhos e outras linguagens artísticas via-se que cada uma ia redesenhando a própria história e nela (re)definindo-se como seu autor e principal ator. Como disse Flora em seu depoimento, refletindo sobre o processo vivido no/com o grupo: *"Revisitamos o passado, planejamos o futuro e enfrentamos o presente"*.

Conforme Vigotski (1990, p. 9), *"É precisamente a atividade criadora do homem que o faz um ser projetado para o futuro, um ser que contribui para criar e modificar seu presente"*. Nessa atividade, o sujeito ao criar se recria como outro, à medida que vai configurando nas obras de arte retratos de si e da vida com linhas, cores, formas, palavras que anunciam consigo uma abertura a novos possíveis. Um exemplo para ilustrar isso é a poesia escrita por Flora, no nono encontro.

A Vida

É o segredo da criação.

O passado que não importa mais.

O adulto que vira criança quando ama.

A semente que morre para renascer.

As estrelas que contamos nas noites de verão.

A luz do dia que desfaz a noite.

O sol que generosamente permite a geração da vida.

O prazer de se ter mais um dia para viver.

E DESPERTAR para viver cada momento do presente.

Esta poesia foi produzida exatamente na metade do percurso trilhado no grupo, quando a dinâmica proposta foi a seguinte: tendo em mãos uma pequena caixa com diversas tirinhas de papel (cada uma continha uma determinada palavra, escrita previamente pela

psicóloga), pediu-se que cada pessoa, de olhos fechados, retirasse dali 10 papezinhos e reunisse as palavras que eles traziam em uma poesia.

Em seu poema, Flora sublinhou as palavras retiradas por ela: as mesmas que também aqui aparecem sublinhadas, e ainda destacou em maiúsculas a palavra "despertar", articulando uma ideia sua para cada um dos termos. Cada palavra recebida foi para ela como uma questão, à qual respondeu com suas contrapalavras. As marcações a diferenciar os interlocutores aí presentes permitem visualizar de modo claro o dialogismo que permeou as atividades artísticas realizadas.

O dialogismo é um conceito central na teoria estética de Bakhtin (2002), caracterizando o romance polifônico, em oposição ao monológico. O dialogismo se refere primordialmente à tensão entre diferentes vozes sociais, em cuja interação um enunciado é produzido, como resposta a outros enunciados. Analisa-se assim que, no jogo lúdico entre as palavras alheias - aquelas apresentadas pela facilitadora, e também as dos outros significativos (colegas, familiares, amigos, etc.) - e as próprias palavras, as participantes foram compondo suas poesias, para (en)cantar a vida.

A poesia de Flora expressa isso, pois é uma (re)definição da vida: cada verso fala de um aspecto da vida, definindo-o de uma determinada forma. No início, vê-se uma concepção da vida como "o segredo da criação"; ao final, uma concepção de (bem)viver, que implica em "despertar para viver cada momento do presente". Certamente vários outros sentidos poderiam ser evocados em uma leitura mais detida, porém isso foge ao escopo do presente trabalho. O que se quer aqui salientar a partir desse exemplo é algo que se observou também nas demais produções escritas, a saber: a possibilidade de, por meio da linguagem literária, a pessoa escrever sobre a vida deste outro ponto de vista, isto é, a partir de um olhar estético. Esse é concebido como uma percepção criativa, isto é, um modo de relação mediado pela sensibilidade e imaginação, que possibilita ver a realidade por outros ângulos, diversos dos habituais em nosso cotidiano, resultando daí a sua apreensão por meio de outros sentidos e significações (REIS et al., 2004). Na escrita das participantes, o olhar estético poetiza a vida e a magnetiza com outros sentidos.

No texto *Discurso na Vida e Discurso na Arte*, Voloshinov e Bakhtin (1976, p.12) falam da poesia como um modo de apresentar um evento da vida: "A percepção artística competente representa-o de novo, sensivelmente inferindo, das palavras e das formas de sua organização, as inter-relações vivas, específicas, do autor com o mundo que ele descreve". Na experiência relatada, o mundo descrito nas obras era o vivido de cada pessoa. Contudo, pode-se perceber que escrever sobre si próprio era tarefa que mobilizava o sujeito a ir além de si mesmo, para se reescrever *como outro*.

Ao escrever sobre a própria vida ou ao representá-la em criações plásticas, os sujeitos figuravam tanto no lugar de personagem principal como no de autor, configurando suas obras como autobiográficas. A autobiografia consiste na descrição de uma vida, sendo "a forma

transgrediente imediata em que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e minha vida" (BAKHTIN, 2003, p.139). Acerca dessa noção bakhtiniana de autobiografia, esclarece Faraco (2005, p. 43): "o autor precisa dar a ela [à própria vida] um certo acabamento, o que ele só alcançará se distanciar-se dela, se olhá-la de fora, se tornar-se um outro em relação a si mesmo".

No grupo focado, observou-se que esse distanciamento do vivido ia desenvolvendo-se ao longo dos encontros de um modo não linear, com avanços e recuos. Isso se explica pela dificuldade inerente do sujeito em se colocar em uma posição exterior frente à própria vida, realizando o movimento denominado na estética bakhtiniana de exotopia. Conforme coloca Bakhtin (2003, p. 29): "A objetivação ética e estética necessita de um poderoso ponto de apoio, situado fora de si mesmo, de alguma força efetivamente real, de cujo interior eu poderia ver-me como outro".

Nas obras das participantes, pode-se entrever a tensão dialética entre eu e outro, fazendo emergir senão uma imagem esteticamente acabada do eu, certamente múltiplas imagens de si, que objetivam artisticamente um movimento subjetivo para reinventar-se. É o que se visualiza, por exemplo, no desenho de Rosa.

Figura 4



(Fonte: acervo de fotos da autora)

Na figura 4 a autora do desenho se coloca sob diferentes formas: um grande pássaro vermelho à direita, envolto em chamas; um pequeno pássaro semelhante à pomba ao centro, sobre uma bicicleta; uma moça caracterizada como a personagem "Jeane é um gênio", no fim de um arco-íris que desemboca em um pote de ouro; e bem no canto esquerdo, uma velha bruxa de perfil.

Este trabalho foi feito em um encontro cuja proposta partiu do mito da Fênix, tendo a facilitadora inicialmente apresentado o mito e refletido sobre seus sentidos com o grupo e a seguir solicitado que cada pessoa desenhasse a sua própria Fênix. Na mitologia grega, Fênix é um pássaro que tem o poder de, ao morrer, entrar em autocombustão e renascer das próprias

cinzas, sendo por isso representada como uma ave de fogo, que simboliza o renascimento e a capacidade de transformação.

Na figura 4, o pássaro vermelho é, portanto, a imagem mais evidente a evocar a ave mitológica, tendo sido essa a primeira figura desenhada por Rosa. Contudo, a significação trazida pelo mito foi sendo apropriada pela autora e objetivada na sucessão das imagens que se seguiram no desenho, retratando seu próprio processo de transformação.

Conforme se infere a partir dos comentários tecidos pela autora sobre sua obra, cada personagem ali configurada é como um desdobramento dela mesma: ao renascer das cinzas tal qual Fênix, após recente abalo enfrentado em sua vida pessoal, vem redefinindo quem ela é e quer ser. Para ela a personagem do seriado televisivo "Jeane é um gênio" expressa juventude, beleza e magia, já a bruxa é uma figura folclórica que remete à sua vinculação com a cultura açoriana local. Ambas, porém, são dotadas de poderes mágicos, fazendo eco ao momento atual de sua vida, no qual busca fortalecer-se para realizar as mudanças desejadas. Por fim, não há como percorrer este caminho com uma vassoura voadora: na bicicleta ela experimenta seu próprio poder de ir aonde quer (relata que, com frequência, pedala vários quilômetros) e sobre ela sua grande Fênix alada é redimensionada como uma pomba, pássaro que para ela simboliza seu reencontro com a paz.

Esse desenho e outros trabalhos produzidos no grupo evidenciam em suas imagens autobiográficas o devir estético do eu que na arte forja a possibilidade de se reinventar em múltiplas formas. De um modo geral, pode-se dizer que a arte se constituiu neste trabalho como um dispositivo catalisador de algumas transformações subjetivas, configurando o grupo como um espaço para (re)aprender formas diversas de ver e ser no mundo. Este sentido de aprendizado foi trazido por todas as participantes no encontro de encerramento, quando foi lido e comentado o depoimento que cada uma escrevera sobre o processo vivido no grupo. Destaca-se aqui um trecho do depoimento dado por Girassol:

Foi muito bom poder compartilhar esses momentos de aprendizado com as colegas do grupo. Com vidas tão diferentes da minha expressavam sua maneira de ser e seus passados muitas vezes tristes em nossas obras. O que me fez pensar muito na minha vida, refletir, perceber o que era realmente importante. Ver também o desenvolvimento que a arteterapia gerou nessas novas amigas foi muito bom. Pessoas em que eu realmente pude perceber uma transformação, uma mudança tanto nas obras e até mesmo em seus rostos, que me parecem agora mais iluminados por sorrisos.

A partir dos aspectos analisados, pode-se concluir que o fazer artístico mediou uma prática em psicologia social alinhada à proposta de educação estética formulada por Vigostki (2001), na qual a função da arte é a transfiguração da realidade não só nos objetos produzidos pela imaginação criadora, mas na própria vida. Neste trabalho, entende-se que: "O que deve servir de regra não é o adorno da vida mas a elaboração criadora da realidade, dos

objetos e seus próprios movimentos, que aclara e promove as vivências cotidianas ao nível de vivências criadoras." (VIGOSTKI, 2001, p.352).

Algumas considerações

Embora o trabalho relatado tenha se desenvolvido em um período relativamente breve, foram observadas mudanças positivas nas participantes, permitindo afirmar que houve ali uma transformação no olhar sobre si e sobre a vida. Houve, pois, o desenvolvimento de um olhar estético, cujo exercício se deu na criação das obras artísticas e na sua contemplação, propiciando às pessoas abertura para vivenciarem novos modos de objetivação e subjetivação e se reinventarem neste processo. Processo de (re)constituição do sujeito em um devir estético, onde criar na arte levou a algumas possibilidades de recriação de si na vida, no cotidiano, para além da convivência no grupo.

Conforme discute Zanella (2007), imaginar e criar são fundamentos da reinvenção de si e de novas formas de vida, desde que dadas as condições necessárias. Cabe assim a ressalva de que todo e qualquer movimento de mudança de um sujeito se dá a partir das condições (im)possibilitadas pelo contexto histórico e social de que é partícipe. Entre estas condições interessa aqui considerar a importância das mediações da psicóloga que coordenou o grupo.

Destaca-se entre estas mediações desde o planejamento das atividades até sua condução, a interação verbal e não verbal com as participantes, as questões lançadas e as ideias sugeridas, as falas e os silêncios. Todas estas ações compuseram uma trama de sentidos, deliberadamente produzidos ou não, que, ao serem singularmente apropriados pelos sujeitos, contribuíram com seu processo de mudança.

Além disso, a própria perspectiva teórico-metodológica que norteou o trabalho realizado foi fundamental para a produção dos resultados relatados. Neste sentido, alguns princípios que guiaram a elaboração e realização das diversas dinâmicas no grupo vão ao encontro daqueles apresentados por Zanella (2007, p.490) como "indicadores para a educação estética necessária à reinvenção da vida". Destacam-se entre tais indicadores: trabalhar com as trajetórias de vida dos sujeitos; problematizar formas estereotipadas de ver e atuar frente à realidade; experimentar formas diversas de perceber e de se objetivar criativamente; provocar à produção de novos sentidos.

Outro aspecto a considerar é que a experiência relatada trouxe interessantes contribuições ao campo da psicologia social em seu diálogo com a arte. Entende-se que as técnicas desenvolvidas no grupo relatado, isto é, as atividades artísticas e demais dinâmicas, podem oportunamente servir à intervenção do psicólogo social no contexto de outros grupos, desde que feitas as devidas adaptações, tendo sempre em mente as especificidades do público em questão e os objetivos do trabalho a ser realizado.

ART AS A GADGET TO THE RECREATION OF ONESELF: A PRACTICE IN SOCIAL PSYCHOLOGY BASED IN ARTISTIC MAKING

Abstract

The current work focus on art as an instrument in the practice of social psychology, through the report of experience of an art-therapy group. The proposal of the group, developed in a communitarian center in Florianópolis – SC, Brazil, consisted in the realization of several artistic activities – drawing, painting, collage, clay modeling, writing – as a resource to inter(personal) development. The interventions made and the discussion shown here are well-grounded in the references of historic-cultural psychology and specially in the ideas of Vigotski and Bakhtin concerning art. The work brought positive results to the subjects, which found in the creative activity new ways of objectivism and subjectivism, developing an aesthetic look and (re)creating in the artistic action other images of themselves and of life, transforming themselves in this process.

Keywords: Art. Group. Creative activity. Aesthetic look. Social psychology.

EL ARTE COMO DISPOSITIVO DE RECREACIÓN DE SÍ: UNA PRACTICA EN PSICOLOGIA SOCIAL BASADA EN EL HACER ARTÍSTICO

Resumen

El presente trabajo trata del arte como instrumento en la práctica de la psicología social, por medio de relato de la experiencia con un grupo de arte terapia. La propuesta del grupo de un centro comunitario de Florianópolis – SC, consiste en la realización de diversas actividades artísticas: dibujo, pintura, encolamiento, moldeo en barro e escritura para el desarrollo (inter) personal. Las intervenciones realizadas y la discusión se fundamentan en los aportes de la psicología histórico-cultural y especialmente en las ideas de Vygotsky y Bakhtin sobre el arte. El trabajo trajo resultados positivos a los sujetos que en la actividad creadora encontraron nuevas formas de objetivación y subjetivación, desarrollando una mirada estética y (re)creando en las obras artísticas imágenes de la vida y de sí, transformándose en el proceso.

Palabras claves: Arte. Grupo. Actividad creadora. Mirada estética. Psicología Social.

Referências

ANDRADE, L. Q. *Terapias Expressivas*. São Paulo: Vetor, 2000.

ANDRIOLO, A. A "Psicologia da Arte" no olhar de Osório Cesar: leituras e escritos. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 23, n. 4, p. 74-81, 2003. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v23n4/v23n4a11.pdf> Acesso em: 31 jul. 2012.

ASSOCIAÇÃO DE ARTETERAPIA DO RIO DE JANEIRO. *Estudos em Arteterapia: diferentes olhares sobre a arte*. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *Estética da Criação Verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CASTILLO, P. F. V.; ZANELLA, A. V. O movimento de (re)criar mediado pelo outro em oficinas de improvisação teatral. *Revista Electrónica de Investigación y Docencia*, v. 6, p.63-76, 2011. Disponível: <http://www.ujaen.es/revista/reid/revista/n6/REID6art4.pdf> Acesso em: 06 nov. 2012.

CIAMPA, A. C. *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CIORNAI, S. Arte-terapia: o resgate da criatividade na vida. In: CARVALHO, M. M. M. J. (Org.). *A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia*. Campinas: Editorial Psy II, 1995, p. 59-63.

FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005, p. 37-60.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. *Estudos Avançados*, v. 17, n. 49, p. 197-208, 2003. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300012 Acesso em: 31 jul. 2012.

FURTADO, J. et al. Teatro sem vergonha: jovens, oficinas estéticas e mudanças nas imagens de si mesmo. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 31, n. 1, p. 66-79, 2011. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v31n1/v31n1a07.pdf> Acesso em: 26 out. 2012.

NAUMBURG, M. *Dinamically oriented art therapy: its principles and practice*. Nova York: Grune-Stratton, 1966.

PHILIPPINI, A. *Arteterapia: métodos, projetos e processos*. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

REIS, A. C.; ZANELLA, A. V.; FRANÇA, K. B.; DA ROS, S. Z. Mediação pedagógica: reflexões sobre o olhar estético em contexto de escolarização formal. *Psicologia: Reflexão e*

Crítica, v. 17, n. 1, p. 51-60, 2004. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n1/22305.pdf>
Acesso em: 26 out. 2012.

REIS, A. C. Dançar a vida: a constituição do sujeito como devir estético. In: ZANELLA, A. V.; MAHEIRIE, K. (Orgs.). *Diálogos em Psicologia Social e Arte* Curitiba: CRV, 2010, p. 51-67.

RHYNE, J. *Arte e Gestalt: padrões que convergem*. São Paulo: Summus, 2000.

SEI, M. B.; GONÇALVES, T. F. *Arteterapia com grupos: aspectos teóricos e práticos*. Casa do Psicólogo, 2012.

SILVEIRA, N. *O Mundo das Imagens*. São Paulo: Ática, 2001.

SOUSA SANTOS, B. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1995.

VALLADARES, A. C. A. *A arteterapia humanizando os espaços de saúde*. Casa do psicólogo, 2008.

VOLOSHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. Discurso na vida e discurso na arte. Tradução não publicada de C. Faraco e C. Tezza, para uso didático, da tradução inglesa de I.R. Titunik, publicada em V.N. Voloshinov. *Freudism*. New York: Academic Press, 1976.

VIGOTSKI, L. S. *La imaginacion y el arte en la infancia*. Madrid: Akal, 1990.

_____. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. Manuscrito de 1929. *Educação & Sociedade*, v. XXI, n. 71, p. 23-44, 2000.

_____. A educação estética. In: VYGOTSKY, L. S. *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 323-363.

ZANELLA, A. V.; REIS, A. C.; CAMARGO, D.; MAHEIRIE, K.; FRANÇA, K. B.; DA ROS, S. Z. Movimento de Objetivação e Subjetivação, mediado pela criação artística. *Psico-USF*, v. 10, n. 2, p. 191-199, 2005. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/psuf/v10n2/v10n2a11.pdf> Acesso em: 26 out. 2012.

ZANELLA, A. V.; DA ROS, S. Z.; MAHEIRIE, K. (Orgs.). *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e/em experiência*. Florianópolis: Editora da UFSC: NUP/CED/UFSC, 2006.

ZANELLA, A. V. Educación Estética y Actividad Creativa: herramientas para el desarrollo humano. *Univ. Psychol. Bogotá (Colombia)*, v. 6, n. 3, p. 483-492, 2007. Disponível: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/647/64760302.pdf> Acesso em: 02 abr. 2012.

ZANELLA, A. V.; MAHEIRIE, K. (Orgs.). *Diálogos em Psicologia Social e Arte*. Curitiba: CRV, 2010.

Notas

¹ www.arteterapia.com.br

² Os nomes utilizados são fictícios a fim de preservar o anonimato dos sujeitos participantes.

Data de recebimento: 26/02/2013

Data de aceite: 26/06/2014

Sobre a autora:

Alice Casanova dos Reis é Arteterapeuta, Doutora em Psicologia Social pela USP, Pós-doutoranda em Psicologia pela UFSC e integrante do Núcleo de Pesquisa em Práticas Sociais, Relações Éticas, Estéticas e Processos de Criação (NUPRA/UFSC). Endereço eletrônico: alicecasanova@yahoo.com.br